

## Os Manguezais, os Caranguejos, o Cultivo de Camarões no Nordeste e a reportagem da Revista Veja

Que a Revista Veja assuma posições políticas, ideológicas e de ética informativa é um direito que lhe assiste e seus leitores aplaudem. O posicionamento da Revista contra a corrupção em órgãos públicos, por exemplo, com sólidos argumentos e evidências bem fundamentadas, teve repercussão nacional e levou à demissão de algumas autoridades oficiais envolvidas. Nesse contexto, a Revista ganha credibilidade com todos os méritos para os seus dirigentes e comentaristas. O leitor tem bom faro e sente quando a publicação assume uma posição afirmativa para o bem comum e seus jornalistas trabalham com a verdade ou dela se aproximam.

Entretanto, esse posicionamento de buscar evidências para formar opinião e, a partir daí, informar à sociedade, parece não prevalecer para a Revista quando o assunto sai da raia da corrupção pública e entra em outros campos mais polêmicos, como são na atualidade os temas relacionados com o meio ambiente. São conceitos que podem dividir opiniões e, portanto, mais do que outros, demandam cuidados especiais no seu tratamento informativo para que a mensagem dirigida pela Revista à sociedade seja composta no contexto, de verdades e fatos que contribuam para a formação de opiniões, com o objetivo de servir o bem comum.

As questões ambientais, hoje mais do que nunca, repercutem em toda a sociedade e não podem nem devem ser tratadas com viés ideológico e muito menos com inverdades e leviandades. Requerem, necessariamente, um tratamento sob o prisma da ciência, por mais superficial que seja. A informação da reportagem da edição de 14 do presente mês de Março "*Ameaça ao Berçário*", que se refere aos manguezais do Brasil, é maldosa, caluniosa e chega a se aproximar da irresponsabilidade pelas adulterações e inverdades em relação ao Código Florestal e à carcinicultura no Nordeste. As deformações da verdade contidas no texto são de tal ordem que deixam a nítida impressão de que estão sendo usadas, conscientemente, com o propósito de causar impacto no leitor. Ou seja, a Revista admite o uso da mentira para que a reportagem tenha repercussão no meio social.

Dizer, por exemplo, que o Código Florestal, em tramitação na Câmara Federal, autoriza o uso do manguezal para atividades aquícolas e que, com isso, contribuirá para a destruição desse bioma, é uma grande mentira. Basta que o leitor leia a documentação disponível no Projeto de Lei em discussão. Ao contrário, o texto do Poder Legislativo reforça a proteção do manguezal e sim autoriza com limitações, a utilização dos apicuns e salgados para o cultivo de camarões e a produção de sal, atividades típicas da Região Nordeste. Por outro lado, os apicuns e salgados são biomas distintos dos manguezais, com salinidades no mínimo de 4 a 5 vezes mais elevadas que da água do mar, o que os tornam estéreis e sem vegetação arbustiva, não sendo a "panacéia" referenciada pela esquerda ambientalista, ouvida pelo repórter da Veja.

Afirmar que os produtores de camarão do Nordeste usam pesticidas e antibióticos é distorção absoluta da verdade. É pretender difamar gratuita e publicamente uma atividade que gera emprego e renda, cuja participação do micro e pequeno produtor é majoritária, representando uma real contribuição para a inclusão social no meio rural dessa Região. Nesse sentido, diferentemente da agricultura, a carcinicultura no Brasil não usa nem nunca utilizou pesticidas. Tampouco tem como usá-los, uma vez que o camarão possui o organismo bastante semelhante aos dos insetos, sendo, portanto, extremamente sensíveis a tais produtos. Além disso, o uso de antibióticos para atividade de criação de camarões é proibido no Brasil.

